

01-12-2021

O peso da palavra

Damiana Pereira de Sousa

[Professora e pesquisadora de literatura indígena]

Dias atrás tive o desprazer de ouvir de uma senhora a seguinte frase: “não existe bicho mais à toa que o tal do índio”. Meu estômago teve um cataclisma imediato.

Estava na rua e logo perdi a mulher de vista.

Naquele momento fiquei recordando falas do escritor Daniel Munduruku, falas em que ele combate estereótipos enraizados no imaginário da sociedade quando se trata de povos indígenas. Fiquei analisando a frase daquela senhora e identificando cada aspecto de sua lauda preconceituosa.

Como pode em questão de segundos uma pessoa rotular, de forma tão escrota, diversas nações? O que ela sabe sobre as tradições indígenas? Que contato ela teve para chegar a tal conclusão? Será que ela sabe quantos corpos indígenas são abatidos pela violência diariamente devido à proliferação de pensamentos como o dela? Ou é só o véu da ignorância mesmo? É, caro (a) leitor (a), cenas deprimentes como esta relatada nos mostram que o preconceito é mais enraizado do que se pode imaginar. A literatura indígena é o caminho de estudos, pesquisas e militância que estamos trilhando.

Daniel Munduruku é hoje um dos maiores expoentes da cultura indígena no Brasil. Ele, com frequência, ressalta a força da literatura em desfazer estereótipos errôneos sobre os povos indígenas. O escritor aponta que desconstruir tais preconceitos já começa com a denominação “índio”, enfatizando sempre: “Me chame de Daniel ou de Munduruku, só não me chame de índio”. O literato destaca que a palavra “índio” remonta a preconceitos, salientando que quando usamos a palavra “índio” estamos nos reportando a duas ideias. A ideia romântica, folclórica (isso que se comemora no dia 19 de abril), ou seja, aquela figura do desenho animado, com duas pinturas no rosto e uma pena na cabeça que mora em uma oca em forma de triângulo. E a segunda ideia é ideologizada, pois está ligada à preguiça, à selvageria, ao atraso tecnológico, isto é, uma visão de que o “índio” tem muita terra e não sabe o que fazer com ela. Redunda dessa ideia, a representação que os povos indígenas são empecilhos para o desenvolvimento econômico do Brasil. Alguns indagam, mas é só uma palavra, que diferença faz? Uma palavra muda alguma coisa? Daniel certo diz: “Sim, uma palavra muda tudo! Então, ao invés de “índio” use indígena. Munduruku explica: “a palavra indígena quer dizer originário, aquele que está ali antes dos outros e, além disso, é importante ressaltar a identidade. O Daniel, por exemplo, tem um lugar de pertencimento: MUNDURUKU, o Ailton: KRENAK, a Eliane: POTIGUARA, a Auritha: TABAJARA...” São pertinentes estas ressalvas, pois no Brasil é muito raro tratar os povos indígenas por seus nomes porque

é muito mais fácil usar uma palavra genérica do que referir-se a um ser profundo, enraizado, amigo de rios, florestas e águas. Identificar os diferentes povos, conforme apregoa Daniel, significa garantir direitos e políticas específicas e não políticas genéricas.

Ao se referir ao dia do “índio”, Daniel sugere: “*Talvez a data devesse ser chamada de Dia da Diversidade Indígena. As pessoas acham que é só uma questão de ser politicamente correto. Mas, para quem lida com palavra, sabe a força que a palavra tem. Tanto que apelido tem uma força destruidora - e "índio" é, de certa forma, um apelido*”. Outra coisa, os povos indígenas são brasileiros como os outros e assim têm direitos como todos os outros. No entanto, Munduruku destaca algo muito importante: no Brasil quando se fala em direitos, as pessoas quase sempre pensam em privilégios. E o atual governo repete a ideia de que o “índio” precisa ser igual a todos os outros. Quando afirma isso está claramente mostrando a sua intencionalidade de acabar com os direitos que os povos indígenas possuem e que foram conquistados legitimamente com muita luta na Constituição Brasileira de 1988. O aumento vertiginoso de invasões, grilagens, incêndios criminosos, loteamentos ilegais, ameaças, assassinatos, descasos no atendimento à saúde, à educação e a criminalização constata as violações aos direitos indígenas (CIMI, 2019).

Inclusive, estão permitindo que TIs (Terras Indígenas) se tornem espaço para lixões, como está acontecendo na TI do povo Tembê, no Pará, conforme relato de Sônia Guajajara.

Isso extrapola a perversidade. Não tenho palavras para isto.

É adoeceador! Sem falar na precarização da FUNAI, que vem sendo paulatinamente fragilizada com cortes de recursos, desmantelamento de sua estrutura fundiária e que tem na sua presidência e diretorias agentes externos ao indigenismo.

O órgão chegou ao ponto de proibir uma equipe da Fiocruz de prestar assistência na TI do povo Yanomami, em meio à desnutrição, surto de malária e falta de medicamentos.

É no mínimo contraditório por que proibir a entrada de médicos e permitir a entrada de garimpeiros?

Voltamos à frase da senhora preconceituosa: “não existe bicho mais à toa que o tal do índio”. Observe que ela os trata como “bichos”, “índios à toa”, escancarando a lógica ocidental que sempre ensinou a rejeitar e desprezar os povos indígenas, há mais de 500 anos. Fruto do silenciamento e do apagamento das suas subjetividades e vozes.

Portanto, é URGENTE desconstruirmos esses estereótipos, essas visões preconceituosas e discriminatórias sobre os povos indígenas. Krenak, 2019, reforça que “*A resistência indígena se baseia na noção de que somos todos iguais, no reconhecimento da diversidade e na recusa da legitimação do humano como superior aos demais seres*”. Conforme posto, é preciso ressignificar a nossa existência e combater, com todas as nossas forças, o preconceito, o descaso e o desprezo que exterminam vidas indígenas todos os dias. Quando você, caro (a) leitor (a), falar “índio” lembre-se do peso dessa palavra... ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.